“Amor *I Love You*”: a montagem estética de um clipe de canção

Bruna de Souza Silva [1]
Luciane de Paula[2]

A canção, vista como um gênero discursivo específico, tende a apresentar múltiplos sentidos com a união da letra e melodia, criação essa que pode ser aperfeiçoada/reformulada/reforçada com a construção de um clipe em uma nova montagem estética única e particular; principal proposta a ser refletida neste breve texto que utilizará, em título ilustrativo a letra, melodia e o clipe da canção “Amor *I Love You*” (2000); assim como, a obra *O primo Basílio* (1878), no qual foram baseadas as produções de Marisa Monte (MM), Arnaldo Antunes (AA) e Carlinhos Brown (CB).

Ao observar a letra da canção “Amor *I love you*”, nota-se que o eu-lírico expõe a representação de uma declaração de amor (o que faz referência ao nome do álbum *Memórias, Crônicas e Declarações de amor*, no qual a canção foi lançada), em que realiza o uso de figuras de linguagem, com predominância de metáforas, abstrações que levam a digressões temporais via memória (*passeei no tempo* / *caminhei nas horas*) e personificações (um *espelho sem razão)*, com expressões que remetem à fala coloquial (contei *pras* paredes) e utilização de expressões em outro idioma (*I love you)* para causar significado e sonoridade maiores, típicas do discurso amoroso, com vocativo, ainda que sem vírgula, o que também cria o efeito de sentido pleonástico (*Amor I love you*), tanto quanto de certa comicidade, intimidade e “breguice” – afinal, trata-se de uma declaração de amor brejeira, rasgada, sem vergonha de se expor (como é típico dos discursos cancioneiros chamados “brega” – a exemplo de Reginaldo Rossi, etc)

Estes atos enunciativos - únicos, irrepetíveis e não reiteráveis - que se realizam em diálogo com os ouvintes (imprescindivelmente com o envolvimento do eu que enuncia ao outro) os invita a realizar múltiplas intertextualidades/interdiscursividades; identificadas por proveniência dos conhecimentos adquiridos no decorrer de suas vivências. Em exemplo, a mencionada canção cita um trecho da obra *O primo Basílio*, no qual os personagens Jorge, Luísa e Basílio representam a situação de um determinado triângulo amoroso em uma família burguesa (exato trecho que trata de uma

[1] Graduanda do Segundo Ano do Curso de Letras; UNESP – Assis; GED; brunades.silva@yahoo.com.br
[2] Docente da UNESP - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, lotada no Departamento de Linguística e também credenciada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da FCL – Araraquara. Coordenadora do GED. E-mail: lucianedepaula1@gmail.com.

carta amorosa do primo Basílio a Luísa e, mais especificamente, a narração das sensações que esta possui ao ler as declarações de amor ali contidas).

No clipe da citada canção, as imagens provocam sentidos por si só, que se unem em um sentido maior com a melodia e a letra. A pequena estória é representada por três personagens ambientados no século XIX, o que fica marcado pelos figurino e cenário, bem como pela característica épica do vídeo, que remete ao livro de Eça de Queiróz. O eu-lírico da canção é feminino, principalmente se se considerar o clipe e a obra de Eça, ainda que na letra da canção não haja marca de gênero do sujeito. Tal marca fica retratada porque a protagonista é vivida por MM, que, tanto quanto o seu marido, recorda-se, por meio de uma fotografia antiga, de um suposto triângulo amoroso do qual fazia parte – com seu primo, se se considerar a letra da canção com o trecho do romance de Eça de Queiróz e as imagens do vídeo.

Entretanto, a possível "Luísa" do clipe não é a mesma do livro e nem da encontrada na letra da canção; ela assume uma outra postura referente à situação com a continuação de seu matrimônio e à revelação que seu marido supostamente também passava por situação semelhante com outra mulher.

Os sujeitos situam-se em uma relação de tempo e espaço, o que remete ao conceito de cronótopo (o tempo coletivo e particular ao mesmo tempo, ou seja, o "tempo de todos" que apresenta, inegavelmente, indivíduos - com vivências particulares). Os personagens representados no clipe interpretam a vivência em uma sociedade do século XIX (um espaço e tempo distintos daquele da canção), mas que ao mesmo tempo, é o "tempo de todos", o coletivo, da sociedade que se desenvolve constantemente, em espaços diferentes.

A constituição arquitetônica do clipe demonstra marcas do estilo do sujeito-criador (compositora e produtora) Marisa Monte, marcado pela predominância de uma atenção inegável a construção dialógica de suas produções: canção, livro e clipe, todos ambientados em dois espaço-tempos distintos, ligados pela canção, com uma elaboração estética cuidadosa, digna de superprodução (filme em película 35mm, os detalhes das tomadas e entonações, a incorporação da personagem protagonista na interpretação do clipe-canção).

Ressalta-se que suas composições e interpretações são realizadas, muitas vezes, em interautoria com os cantores-compositores Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown. Na canção mencionada, observam-se também características do estilo do sujeito-criador compositor de Carlinhos Brown (marcado pela linguagem emotiva ou expressiva

pontuadas em primeira pessoa) e do sujeito-criador interpretativo de Arnaldo Antunes (uma forte tendência a declamar a letra da canção, sem contar sua atuação como suposto "Basílio", no clipe).

Alguns aspectos que remetem à constituição dos gêneros discursivos podem e devem ser destacados. Bakhtin identifica, em seus estudos, algumas especificidades na construção dos gêneros, compostos por conteúdo, forma e estilo:

> "(...) Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (...)" (BAKHTIN, 1997, p. 206)

Por meio da construção do gênero canção, com seus desdobramentos e envolvimentos intergenéricos, que envolve inúmeros diálogos, nota-se marcas que revelam o estilo de Marisa Monte (participante como compositora, atriz e cantora) na construção de sentidos contemporâneos com elaboração estética (não acabado, mas com acabamento).

A melodia, a letra e as imagens da canção e do clipe estabelecem uma representação do real que revela uma ótica da sociedade de uma determinada época ou de um determinado contexto. Além disso, tais construções artísticas, por meio de uma re-produção midiática (a canção e o clipe), invita o ouvinte/espectador a vivenciar uma nova experiência por meio de um personagem/acontecimento.

Bibliografia:

Bakhtin, M. M. (1920-1924) *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

Bakhtin, M. M. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

Monte, M.; Brown, C. "Amor I love you". *Memórias, crônicas e declarações de amor*. Marisa Monte. São Paulo. EMI. 2000

Queiróz, E de. *O primo Basílio*. 1878. (http://www.dominiopublico.gov.br)

VOLOCHINOV. *Discurso na vida e discurso na arte*. Versão acadêmica traduzida por Carlos Alberto Faraco. Mimeo, s/d.